

## O EMPRÉSTIMO COMO PROBLEMA DA LINGÜÍSTICA COMPARADA

Wolfgang Roth \*

---

ROTH, Wolfgang. O empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

RESUMO: O autor mostra que a problemática caracterizada pelo inter-relacionamento de lingüística, norma e ideologia está aberta a pesquisas.

UNITERMOS: Empréstimo lexical; Norma; Ideologia; Sociolingüística; Ortografia; Morfologia; Fonética; Semântica.

---

Ao professor Salum,  
com a admiração intelectual do autor.

O problema do empréstimo lexical se distingue de outras questões lingüísticas na medida em que não interessa apenas aos lingüistas propriamente ditos, mas também àqueles que poderiam ser chamados de "amadores" da ciência da linguagem (27, p. 7). É sob este aspecto que as pesquisas referentes a essa área de nossa disciplina ocupam lugar de relevo: mais do que qualquer outra problemática, as opiniões sobre a introdução de palavras estrangeiras parecem induzir a posições pessoais e provocar pareceres que vão muito além de

qualquer modo de ver puramente lingüístico. Manuais lingüísticos de caráter normativo, dicionários de chamados estrangeirismos e de dificuldades da língua, publicações de órgãos que têm como fim a defesa da língua, artigos e glosas de jornal, tratados de lingüística diacrônica assim como pesquisas especializadas apresentam uma imagem complexa e até confusa de conselhos, ponderações e pesquisas que se interpenetram formando um emaranhado quase inextricável. \* \*

---

\* Professor na Universidade de Ruhr (Studienprofessor) e na Universidade Livre de Berlim (Lehrbeauftragter).

\*\* Um exemplo característico é o emprego do termo "anglicismo" em *Le Petit Robert* (45), que, segundo HOFLER (38), serve tanto para indicar a etimologia da respectiva palavra como de rótulo purista.

Embora qualquer ocupação com empréstimos implique uma comparação de pelo menos duas línguas, o ponto de vista comparativo tem sido, até hoje, relativamente pouco salientado. O que nesta área interessa em particular são questões tocantes às condições e aos processos do empréstimo (19). Obras cujo enfoque é apenas uma língua só costumam concentrar seu interesse tanto no material como nos fatores chamados extralingüísticos, nas condições culturais e políticas prévias do empréstimo.

O mesmo se pode dizer no que respeita aos tratados, cujo objetivo é o empréstimo recíproco entre duas línguas. É este o objetivo p. ex. dos trabalhos de Mackenzie (48) e de Hope (39).

Os autores de publicações com caráter extralingüístico estão principalmente interessados nos empréstimos na própria língua materna.

Encontram-se, às vezes, indicações relativas a atitudes de outras comunidades lingüísticas para com o empréstimo.

Quanto às línguas românicas o que vem sendo dito acima, pode exemplificar-se com base na respectiva bibliografia sobre o anglicismo. É evidente por que nas línguas românicas tanto o estudo do

empréstimo quanto a crítica do empréstimo concentraram seu interesse no anglicismo. Enquanto aqueles autores que se orientam por idéias normativas se mostram inquietados pelo grande número de citações e empréstimos do inglês, os pesquisadores no campo dos empréstimos nas línguas românicas se vêem, sob vários aspectos, defrontados com um fenômeno novo do ponto de vista diacrônico: depois de uma época relativamente longa de intenso intercâmbio lexical inter-românico — italianismos e hispanismos em francês, galicismos nas outras línguas românicas —, o léxico românico se desenvolveu, particularmente a partir do século passado, sob a influência de uma língua, que por causa de suas diferenças fonéticas, morfológicas e gramaticais parece exigir uma modificação do processo da adaptação de elementos estrangeiros. \*

A atualidade das questões resultantes dessa problemática vem assegurada por aqueles que crêem dever dedicar-se a determinado tipo de defesa da norma lingüística e que eu, no que segue, chamarei de ideólogos da língua. Pode-se caracterizar tal grupo de pessoas pelo fato de eles partirem de determinadas categorias extralingüísticas e basearem — caso seja necessário — seus argumentos em considerações lingüísticas.

\* "E stato osservato da molti linguisti che gl'impresti hanno tanto più facilmente luogo quanto più le due lingue in questione si assomigliano. Quindi per es. acceteremo nel nostro italiano attuale assai facilmente parole di un altro secolo della lingua, o di un dialetto centrale, meno quelle di un dialetto settentrionale; facilmente parole latine o francesi, meno le inglesi e le tedesche" (62, p. 66). Não obstante há autores que salientam a afinidade do inglês com as línguas românicas, ver as indicações bibliográficas em KLAJN (41, p. 13).

Um trabalho sobre essa temática foi publicado pelo germanista alemão Peter von Polenz, que numa publicação intitulada *Sprachpurismus und Nationalsozialismus — Die "Fremdwort" — Frage gestern und heute* (63) (Purismo lingüístico e nacionalsocialismo — a questão da palavra estrangeira ontem e hoje) empreendeu uma pesquisa sobre a relação entre purismo lingüístico e as idéias do nacionalsocialismo.

Os argumentos aduzidos, nas primeiras décadas deste século, em prol de tal pureza da língua se distinguem talvez gradual, mas não fundamentalmente daqueles aduzidos pelo lingüista francês Etiemble no seu livro *Parlez-vous français*. Etiemble pretendia submeter as suas idéias a serviço não do nacionalismo mas do antiimperialismo. (23, p. 229).

Ainda não foi empreendida — pelo que eu saiba — uma coleta e interpretação de lugares—comuns do purismo internacional.

Tal trabalho daria muito provavelmente resultado semelhante respeito a atitudes puristas em várias comunidades lingüísticas. Na França a ideologia purista reveste formas das mais diversas, que vão desde a estigmatização de estrangeirismos por meio de aspas até o grito de socorro para a intervenção do governo (68, p. 45) e na constituição de comissões em defesa da língua (6, p. 29-37).

Essas exigências são formuladas em nome de determinados conceitos estéticos como "pureza", "clareza", ou "beleza". Palavras de

origem estrangeira se vêem censuradas de "filhos bastardos" ou "aventureiros estrangeiros" conforme a *Esthétique de la langue française* (Estética da língua francesa) de Remy de Gourmont, ao passo que o vocabulário autóctone ou considerado como tal é caracterizado por atributos como "nobre" ou "simples" (23, p. 63) (31, p. 1).

Os galicismos, para o espanhol Cadalso, já eram sinais da decadência dos costumes (66, p. 65-76), e, deste ponto de vista, comparáveis ao anglicismo, que para o francês Sauvy é expressão de derrotismo cultural (68, p. 43). Metáforas bélicas como "invasão", "ataque" ou "inimigo" fazem parte do instrumentário da ideologia purista (47, p. 75) (40, p. 19), tal como a recomendação de fazer ressurgir palavras esquecidas de etapas anteriores da história da língua.

A disponibilidade com que o purismo se põe a serviço de qualquer ideologia vai de par em par com certa continuidade e homogeneidade da argumentação extralingüística.

Importaria perguntar, nesta altura se a argumentação dos ideólogos do purismo não seria talvez redutível a constantes lingüísticas, isto é, se a avaliação ideológica depende por sua parte de fatores lingüísticos. V. Polenz, no seu trabalho já citado, tenta explicar a variante alemã do purismo pelo longo predomínio da lingüística histórica na filosofia alemã. Segundo ele, o intenso estudo da história das palavras restringiu o interesse dos lexicólogos à exclusiva ocupação com a origem das palavras (63, p. 147).

Porém, a crítica do anglicismo, especialmente observável na França nos anos 50 e 60, é simultânea com uma época em que os métodos lingüísticos já estavam mudando. Será que o purismo das últimas décadas continua baseado numa concepção ultrapassada da lingüística? Ou será antes o resultado de um fenômeno por assim dizer "pan-crônico"?

Além da modificação semântica e da inovação morfológica mediante elementos já existentes, o empréstimo constitui o terceiro meio mais importante da inovação lexical (53, p. 4-5). O purismo se encaixa portanto dentro de uma atitude adversa à inovação lexical. Cabe perguntar por que esta atitude antagonista se concentra muito mais no enriquecimento lexical pelo empréstimo do que nos outros meios de inovação lexical.

Lingüisticamente falando, a diferença entre o empréstimo e as outras duas possibilidades inovatórias se pode definir a partir do signo lingüístico: as inovações semântica e morfológica constituem uma ampliação lexical caracterizada pela motivação interna ou relativa, ao passo que o empréstimo do significante via de regra implica um aumento dos signos lingüísticos arbitrários (56, p. 68). Que este fato determina de maneira decisiva a avaliação estética, vem mostrado pela literatura purista de duas formas:

— por um lado pela crítica à abreviatura que, no caso, equivale à crítica ao empréstimo e que constitui igualmente um processo de arbitrarização na medida em que a abreviatura já não pode ser interpretada pelo falante. Demonstram isto várias pesquisas empíricas, pelas quais se evidenciou a incapacidade de muitas pessoas reconhecerem as palavras escondidas por trás das respectivas siglas, incapacidade aliás muitas vezes apresentada como falta de instrução;

— por outro lado, este aspecto lingüístico da concepção purista se confirma pelo fato de os defensores desta concepção propagarem a formação de palavras a partir de elementos já existentes. Assim, nas línguas com grande facilidade para a composição, palavras compostas substitutivas de empréstimos desempenham importante papel (4, p. 317).

Outro procedimento preconizado é a ampliação semântica dos lemas já existentes na língua. É sobretudo por este procedimento de polissemia intencional que se pretende manter limitado o número de signos arbitrários. Remy de Gourmont p. ex. na sua já citada *Esthétique de la langue française* escrevia: "Les langues viles manières par de solides intelligences tendent au contraire à restreindre le nombre des mots, em attribuant à chaque mot conservé, outre sa signification propre, une signification de position".\* (As línguas

\* GOURMONT (31, p. 14); cf. também as observações de PICHON (61, p. 210 e ss.) relativas ao "preconceito antineológico" (préjugé antinéologique) do francês.

viris manejadas por sólidas inteligências tendem a restringir o número de palavras atribuindo a cada uma além do seu significado próprio, um significado de posição). Axiomas puristas tais como a afirmação de que o empréstimo prejudicava a clareza do francês, ou a afirmação de que o empréstimo aprofundava as diferenças de classe (Bengtsson, 6, p. 193) se explicam — lingüisticamente falando — pela economia do signo lingüístico.

Esta última observação leva a questionar se — pelo menos no que diz respeito ao francês — a crítica ao anglicismo não estaria principalmente baseado no caráter lexicológico do francês; em outras palavras: não é de excluir a tese de que o francês, graças ao seu léxico relativamente arbitrário (1), reage de maneira particularmente hostil ao empréstimo para evitar um aumento excessivo de dissociações lexicais.

Nesta altura talvez seja recomendável levar em consideração por alguns momentos a questão do latinismo (e do grecismo) enquanto fenômeno de empréstimo, isto é, depois da constituição das línguas românicas como entidades autônomas em comparação ao latim. Exceto poucos casos isolados, (12, p. 215) o empréstimo da palavra latina ou greco-latina nunca foi objeto de uma crítica lingüística ideológica sistemática. Deste ponto de vista as línguas românicas diferem fundamentalmente de certas línguas não românicas, p. ex. o alemão. (67, p. 227) (1, p. 230). No que respeita aos empréstimos greco-latinos, pode-se,

nas línguas românicas, comprovar até uma atitude contrária ao empréstimo das línguas modernas. Assim, p. ex., para impedir a penetração de certos anglicismos, foram propostas formações lexicais a partir de elementos lexemáticos greco-latinos. Sirva de exemplo o sucedâneo do anglicismo *pipeline*. Para substituí-lo foi criado um lexema, cujos elementos se afastam bastante do material lexical e morfológico dito popular: *oléoduc* (29, p. 294).

Pode-se verificar processo análogo em outras línguas românicas. Assim p. ex. o latinismo bastante erudito *locutor*, em espanhol e português substitui o anglicismo *speaker*, aliás bastante vivo em francês, ou — para citar outro exemplo — a formação espanhola *fonocaptor* criada com o fim de substituir o anglicismo *pick-up* (13, p. 68) (22, p. 96).

É consabido que no português do Brasil foram até feitas tentativas sistemáticas no sentido de evitar estrangeirismos por meio de latinismos ou formações pseudolatinas. Certas dessas curiosidades, como p. ex. *concião* em vez de *meeting*, *nasóculos* em lugar de *pince-nez*, *ludânbulo* como sucedâneo vernacular de *turista*, ou *haurinxugar* por *drenar* ainda grassam por certos dicionários com aspirações normativas e didáticas (17, p. 33) (7, p. 139) (10, p. 21). Na ideologia lingüística essas tendências se refletem em certa valorização do latim em detrimento das línguas modernas, p. ex. quando Remy de Gourmont caracteriza o latim como "réservoir naturel du français"

(depósito natural do francês) ou "chien de garde qu'il faut soigner, nourrir et caresser" \* (cão de guarda que é preciso tratar bem, alimentar e acariciar.)

Mas mesmo na lingüística a separação entre a palavra tomada de uma língua moderna e a palavra tomada do latim ou do grego tem sido mantida e se encontra p. ex. na distinção feita na lingüística portuguesa entre "palavra estrangeira" e "palavra erudita".

Na lingüística francesa revela-se a distinção na divisão dessa matéria em publicações diferentes. Assim p. ex. Pierre Guiraud a apresenta em dois volumes separados da coleção "Que sais-je?" com os títulos de *Les mots étrangers* e *Les mots savants* (32 e 33).

A distinção entre esses dois tipos de empréstimos se baseia, entre outros, nos dois critérios seguintes:

1. na motivação interna acima mencionada. Não interessa aqui em que medida as chamadas palavras eruditas são determinadas pela composição de dois ou mais elementos greco-latinos, que constituem lexemas composto e das chamadas palavras eruditas, particularmente na área técnica e científica. Trata-se de um fenômeno da economia lingüística que pode ser caracteri-

zada como motivada internamente na medida em que possibilita a compreensão do significado pelo menos potencialmente, constituindo assim — nas palavras do germanista Glinz — uma ajuda mnemônica (30, p. 60). Esta ajuda não a pode oferecer a maioria dos anglicismos.

Neste ponto cabe salientar o fato de a lexicografia românica registrar e definir cada vez mais os elementos eruditos tirados do grego e do latim (65, p. 388) (50, p. 134) (60) (37).

Outra questão a meu ver ainda pouco discutida consistiria em saber em que medida as formações com base em elementos gregos e latinos nas línguas românicas compensam a capacidade relativamente reduzida de formar novos lexemas a partir de composições. Uma discussão mais aprofundada levaria muito provavelmente à conclusão de que, deste ponto de vista, o grego-latinismo está muito mais valorizado nas línguas românicas pelo simples fato de neste grupo lingüístico em muitos casos não haver possibilidade equivalente de recorrer a composições com meios lingüísticos autóctones.

Considerações deste tipo trariam apoio *lingüístico* dos ideólogos da linguagem que defendem o lati-

\* GOURMONT (31, p. 1 e 47); cf. também a opinião de Juan Eugenio Hartzenbusch proferida no prólogo ao *Diccionario de galicismos* de Rafael María Baralt: "Si el que parece galicismo tiene quizás origen latino, porque siendo la lengua castellana hija de la latina, la voz o locución que de ella provenga trae una recomendación respetable" (5, p. 19). O ponto de vista lingüístico enfocam-no por exemplo MAURER (52, especialmente p. 60 e ss.) e MIGLIORINI (54). Com respeito ao número dos latinismos no francês fundamental cf. STEFANELLI (72, p. 882 e ss.).

nismo alegando apenas a íntima relação genética e cultural das línguas românicas com o latim.

2. Em certos trabalhos lingüísticos a distinção entre palavras eruditas e palavras estrangeiras se baseia no processo do respectivo tipo de empréstimo. Conforme esta distinção, a palavra erudita de origem greco-latina foi geralmente introduzida por via escrita. Este critério deve ser submetido a restrições, porque o empréstimo de uma língua moderna se efetua também em muitos casos na forma escrita. Mesmo nos casos recentes de empréstimos é muitas vezes difícil verificar por que caminho, oral ou escrito, uma palavra de origem estrangeira se divulgou.

Outro aspecto, ao que parece bastante negligenciado até hoje, pode ajudar a estabelecer uma distinção bem nítida entre empréstimos das línguas antigas e os empréstimos das línguas modernas, especialmente do inglês, a saber o aspecto da integração fonética e formal. A integração está, no caso dos grecolatinismos, sujeita a determinados mecanismos, cuja sistematização global aliás ainda não foi tentada (33, p. 30) (3, p. 11-7). No que diz respeito à crítica ao empréstimo, cabe perguntar até que ponto a aceitação de latinismos e a recusa de muitos empréstimos particularmente do inglês não seria a consequência de uma força integrativa diferente dos dois outros tipos de empréstimos.

Segue esta força integrativa certos mecanismos que no caso dos grecolatinismos se formaram no

decurso dos séculos — seja devido à afinidade fonética e morfológica entre o latim e as línguas românicas, — seja devido ao processo secular da formação de regras de equivalência ao nível dos fonemas e sobretudo dos morfemas, (7, p. 101). Até certo ponto a aceitação do latinismo e a recusa do anglicismo são o resultado de os dois tipos de empréstimos estarem integrados nas respectivas línguas de modo bem diferente.

Agora, no que diz respeito à integração do anglicismo nas línguas românicas, podem-se distinguir dois procedimentos fundamentalmente opostos. É conhecido o caso do português. Palavras que em textos de décadas anteriores ainda ocorrem na própria ortografia inglesa (muitas vezes marcadas mediante aspas como sendo citações lexicais de uma língua estrangeira e recusadas pelos dicionaristas como “anglicismos dispensáveis”) (7, p. 181) (35, p. 78) foram mais tarde aportuguesadas ortograficamente. A partir desta data passaram a ser consideradas parte do léxico português. As palavras inglesas *bluff* e *flirt*, p. ex., se tornaram palavras portuguesas nas formas *blefe* e *flerte*.

Este processo de aportuguesamento constitui o resultado de uma cooperação, ainda que não propositada, do falante com o dicionarista. Tanto da parte do falante como da do lexicólogo pode haver reticências que normalmente se manifestam no fato de o falante nem sempre estar disposto a aceitar o aportuguesamento proposto pelo lexicólogo ou o lexicólogo não ver

necessidade nenhuma de dicionarizar o aportuguesamento espontâneo do falante.

Assemelha-se bastante ao português o tratamento do anglicismo em espanhol. Muitos empréstimos do inglês só muito tarde foram reconhecidos pela Academia Española (20), a saber quando podiam hispanizar-se ortográfica e morfológicamente. Mesmo assim, certos anglicismos não podiam adotar-se numa forma única (2, p. 122a, 208b, 263a, 366a, 386b) (15, p. 193).

A integração dos empréstimos do inglês é completamente outra em francês. Ao passo que certos lexicógrafos franceses do século XVIII ainda dicionarizavam p. ex. a palavra inglesa *punch* numa forma afrancesada ou pelo menos meio afrancesado, os dicionários mais recentes só indicam a forma inglesa *punch* (74, p. 99b) (21) (45) (46) (59). Ainda em 1951 o *Petit Larousse Illustré* traz a palavra inglesa de origem australiana *boomerang* tanto na ortografia inglesa *boomerang* como na ortografia meio afrancesada *boumerang*. (57) (59). Dicionários mais recentes só registram a ortografia inglesa *boomerang* (21) (45) (46).

Nos dois casos introduz-se, com este tipo de "reortogafação" inglesa, uma ortografia inusitada do

francês. Nem a nasal velar e semi-arredondada / $\bar{o}$ / nas palavras de origem francesa está representada pela vogal *u*, nem a vogal oral velar e arredondada /*u*/ conhece a representação gráfica com *oo* em lugar de *ou* (32, p. 102-5).

Revela-se por conseguinte, nesses exemplos acima dados uma tendência inteiramente oposta nos três idiomas românicos em questão no que diz respeito à recepção do anglicismo. Enquanto o português — e ao que parece em menor grau o espanhol — tende para um aportuguesamento (ou uma hispanização) não apenas ao nível fonético, mas também ao nível ortográfico, o francês mostra, pelo menos em certos casos, um processo de reanglicização ao nível ortográfico. \* Esta tendência já foi observada por Bonnaffé, que no seu dicionário dos anglicismos de 1920 escrevia: "Este modo de transcrição (i. é.: a transcrição ortográfica integral) tende a tornar-se a regra, na medida em que se desenvolve entre nós o conhecimento das línguas estrangeiras." ("Ce mode de transcription (transcription orthographique intégrale) tend à devenir la règle, à mesure que se développe, chez nous, la connaissance des langues étrangères") (11, p. 21).

Bonnaffé, com essa observação nos fornece também uma tentativa

\* Ver a crítica de ALFARO (2, p. 17): "... barbarismos rudos, vulgares, malsonantes y malnacidos, es decir, las voces extrañas al léxico y propias de gente zafia, formadas generalmente mediante la hispanización fonética de palabras inglesas, tales como *bailameca* (i. é. *boiler maker*) ... *norsa* (*nurse*) ... *paipa* (*pipe*)...". Por outro lado o anglicismo em português *sinuca* (do inglês *snooker*), aportuguesamento sem dúvida popular, está dicionarizado nos léxicos brasileiros (devo esta observação ao prof. Adriano da Gama Cury do Rio de Janeiro).



de explicar tal fenômeno. Além de uma explicação baseada numa suposta melhora dos conhecimentos do inglês por parte dos franceses, encontra-se outra. Os representantes desta vêem o motivo da “não-integração” ortográfica dos anglicismos no *processo do empréstimo*, isto é, na recepção dos empréstimos por via predominantemente escrita (48, v. 1, p. 145).

As duas explicações figuram também numa tese de alguns anos atrás.

Cito, no que segue, as duas respectivas passagens em versão portuguesa:

1.º A preponderância do empréstimo visual e gráfico sobre o empréstimo auditivo,

2.º o conhecimento cada vez melhor do inglês por parte dos franceses. \*

Transferidas para o caso do português do Brasil, essas observações deveriam ser modificadas da maneira seguinte:

A integração do anglicismo no português do Brasil se deve:

1.º à preponderância do empréstimo auditivo sobre o empréstimo visual e gráfico,

2.º à diminuição do conhecimento do inglês por parte dos brasileiros.

O absurdo da segunda observação não precisa ser comentada. Mas também a primeira explicação não é senão uma hipótese gratuita.

O que faz que essas explicações sejam errôneas ou insatisfatórias se deve ao fato de seu autor não ter recorrido à comparação lingüística, embora procure dar apoio a sua explicação, baseando-se na preponderância do empréstimo visual e gráfico com referência a autores anteriores.

Mackenzie, no seu trabalho sobre as relações entre a Inglaterra e a França segundo os empréstimos, e outros autores fazem, no que diz respeito à assimilação do anglicismo em francês, uma distinção entre uma fase anterior caracterizada por uma assimilação quase total e uma fase posterior, em qual a força assimiladora cessou. \*\* Conforme essa distinção, a fase anterior se caracteriza pela preponderância do empréstimo auditivo, ao passo que o empréstimo visual iria predominar na fase posterior. Assistiríamos, portanto, a um processo cada vez mais intenso do predomínio da comunicação escrita.

Muitos anglicismos de todo assimilados em francês como p. ex. *bouledogue, kangourou, redingote*,

\* Cf. SCHUTZ (70, p. 28 e ss.): “1. das Überwigen der “visuell-graphischen” Entlehnung gegenüber der “auditiven”, 2. die wachsenden Englischkenntnisse der Franzosen”.

\*\* Cf. ETIEMBLE (23, p. 250): “Au XIX<sup>è</sup> siècle, on ne prend plus la peine de naturaliser les intrus”. KLAJN (41, p. 42) tenta explicar a diminuição da capacidade assimilatória das línguas européias ao receberem empréstimos tanto pela simplificação estrutural destas línguas (teoria defendida por Jespersen) como pelo levantamento do nível da instrução geral.

*boulingrin*, *rosbif* ou *partenaire* já foram tomados emprestados nos séculos XVII e XVIII (9; 18).

Apesar disso, a distinção entre uma fase assimiladora anterior e uma fase não assimiladora posterior se explica muito provavelmente por outros motivos a serem apresentados abaixo.

Outra distinção entre anglicismos assimilados e anglicismos não assimilados se baseia em critérios semânticos. Assim p. ex. Pierre Guiraud no seu livro de bolso introdutório intitulado *Les mots étrangers* divide o anglicismo em francês em dois grupos:

1.º anglicismos assimilados que também estão assimilados semanticamente;

2.º anglicismos não assimilados que o são também conforme o critério semântico e estilístico (32, p. 102).

Em termos lingüísticos esta distinção não tem nenhum valor. Ela constitui uma espécie de motivação secundária de fatos lingüísticos e pode ser considerada consequência de uma ideologia lingüística aliás manifesta pelas próprias palavras de Guiraud, quando escreve: "Je ne pense pas qu'il y ait intérêt à accélérer, plus ou moins artificiellement, l'assimilation de la seconde catégorie, comme le voudraient certains, sous le prétexte qu'ils défigurent notre langue. Je crois, pour ma part, qu'il est préférable que ces choses "étrangères" conservent un nom étranger: le mot et

la chose seront ainsi plus aisément repérés et plus vite éliminés" (Não penso que haja interesse em acelerar de modo mais ou menos artificial a assimilação da segunda categoria como certas pessoas querem, pretextando que estes anglicismos deturpam a nossa língua. Eu tenho por mim que é preferível que as coisas estrangeiras conservem uma designação estrangeira. Assim a palavra e a coisa podem ser mais facilmente identificadas como tais e mais rapidamente eliminadas).

Cumprido perguntar se os anglicismos assimilados *boulingrin* e *redingote* são palavras semanticamente "mais francesas" que *bungalow* e *spleen*, anglicismos formalmente não assimilados.

Depois de percorrer alguns trabalhos relativos à recepção dos anglicismos em francês e suas explicações pelo menos em parte insatisfatórias, voltamos ao ponto de partida, isto é, à relação entre lingüística, tendências normativas e ideologia da linguagem:

Os respectivos estudos lingüísticos propriamente ditos desta matéria se dedicam a aspectos da integração fonética, morfológica, gramatical e semântica ou tratam — como no trabalho de Deroy — o problema da definição do empréstimo segundo critérios fonéticos, morfológicos ou semânticos. Mas apenas raramente se encontram nesses trabalhos referências à integração ortográfica do empréstimo. \*

\* Assim por exemplo nem MACKENZIE (48) nem GUIRAUD (32) dedicam capítulos de seus livros à integração ortográfica.

Por outro lado trabalhos de intenção normativa ou impregnados da ideologia purista dedicam parte de seus estudos a problemas relacionados com a integração ortográfica dos empréstimos\*.

Numa série de trabalhos referentes aos empréstimos tanto em francês como em português os termos de "francisation" (i. é. afrancesamento) ou aportuguesamento são de grande importância. Entende-se por este termo a integração ortográfica de palavras de origem estrangeira.

Talvez seja estranho que nos tratados lingüísticos propriamente ditos o aspecto ortográfico — apesar de sua íntima conexão com o aspecto fonético — tenha sido pouco discutido. Tirando algumas exceções (51, p. 180), a fonética de qualquer palavra proveniente de outra língua, mesmo que esta seja foneticamente muito próxima da língua receptora, é completamente assimilada, logo que passe a ser adotada por falantes monolíngües, quer dizer que comece a generalizar-se na comunidade lingüística. O que geralmente interessa, do ponto de vista fonético, não é o fato de a palavra estrangeira se assimilar à língua receptora, mas a maneira pela qual ela se assimila\*\*.

Agora, as modalidades de assimilação se determinam decisivamente pela ortografia da língua rece-

bedora de empréstimos. O motivo de este aspecto ter sido até agora bastante negligenciado pela lingüística se deve provavelmente ao papel marginal que a ortografia desempenha nos estudos lingüísticos. Assim, por exemplo, as descrições fonológicas do francês raras vezes foram aplicadas sistematicamente às suas conseqüências para uma possível reforma ortográfica.

A forma diferente que revestem os anglicismos em português, espanhol e francês não é, portanto, o resultado de diferentes capacidades assimiladoras das respectivas línguas, mas o resultado de uma integração diferente ao nível ortográfico.

Essa integração se dá ora na forma de uma assimilação à ortografia da língua, da qual foi tomada o empréstimo, p. ex. no caso dos empréstimos dandy e sandwich nos três idiomas românicos ora na forma de uma assimilação à pronúncia inglesa, como no caso do empréstimo da palavra *flirt*: francês *flirt*, português *flerte*.

Seria pelo menos ousado tirar conclusões dos diferentes resultados da assimilação no que diz respeito ao *processo* do empréstimo, seja por via escrita, seja por via oral. Este processo inclui outros fatores, a saber p.ex. se a grafia inglesa facilita ou se dificulta uma assimilação a partir da representação gráfica. Essa hipótese pode ser confirmada pelo

\* Cf. GEORGIN (28, p. 15): "Si l'on est — ou si l'on se croit — obligé d'utiliser certains mots anglais, que du moins on les francise et qu'on écrit *conteneur* (ou *container*), *spiqueur*, *coctèle* ou *coquetèle*...".

\*\* No século passado PAUL (58, p. 349 e ss.) já dedicava várias páginas à integração fonética de empréstimos.

empréstimo inglês *standard* (13, p. 52), que se deixa facilmente afrancesar a partir da grafia inglesa, mas cujo aportuguesamento (como aliás também hispanização) se choca, em razão do grau mais fonológico das respectivas ortografias, com a estrutura da palavra das duas línguas ibero-românicas.

Além disso não se deve subestimar a intervenção dos lexicógrafos que tendem a fixar ortograficamente os empréstimos na base foneticamente mais difundida.

A tendência do francês diretamente oposta às línguas ibero-românicas no que diz respeito à integração ortográfica do anglicismo leva a duas perguntas: 1.º Em que medida intervêm norma, tendência e história? 2.º Quais os efeitos dos diferentes processos integrativos sobre a ideologia lingüística?

Estas duas questões nos fazem voltar ao problema citado da relação entre a ideologia da língua e seus pressupostos lingüísticos. As "Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" de 1943 rezam: "Todos os vocábulos devem ser escritos e acentuados graficamente de acordo com a ortoépia usual brasileira...\*" Agora, o chamado "Sistema ortográfico de 1943" é o resultado de muitos esforços no sentido de uma reforma ortográfica no seu longo caminho desde a ortografia histórica

e tradicionalista rumo a uma ortografia fonológica.

Essas instruções restringem as possibilidades de recepção de empréstimos, especialmente do anglicismo em português: ou o anglicismo não é registrado pelo dicionarista no caso de ele ainda não ter encontrado grafia satisfatória em português, \*\* ou o anglicismo está já muito enraizado na língua comum. Neste caso seu registro no dicionário acarreta sua assimilação ortográfica. A lexicografia brasileira segue estas instruções aportuguesando ortograficamente os anglicismos mais comuns ora conforme a ortografia inglesa, ora conforme a pronúncia do inglês, ora conforme o uso já consagrado: "Uma coisa é necessária, quando o estrangeirismo assentou já raízes na língua nacional: vesti-las à portuguesa" (43, p. 40).

É mediante a comparação com o português, que ressalta a atitude dos lexicógrafos franceses para com os empréstimos.

Se bem que tenha havido várias tentativas de reformar a ortografia francesa, particularmente por volta dos séculos XIX e XX, uma verdadeira inovação nunca foi empreendida e falhou na prática (8, p. 99). Torna-se assim compreensível que quase todas as propostas para uma integração ortográfica do anglicismo em francês não tenham tido êxito, embora um dicionário que

\* Citado conforme FERREIRA, 24, p. 8b.

\*\* No *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (FERREIRA, 25, 1968) as palavras não aportuguesadas constam em um apêndice. O mesmo pode observar-se no *Dicionário da língua portuguesa* (COSTA e MELO, 16, 1976). FERREIRA (24) incluiu as palavras não aportuguesadas no próprio dicionário marcando-as com o símbolo da flecha.

antigamente gozava de imensa influência, i. é. o *Dictionnaire Général* de 1900 lamentasse este estado de coisas com estas palavras: "Il aurait peut-être été plus sage de se décider ... à transcrire l'anglais *yacht*, *rail*, e *squarz*, par \**yote*, \**rel*, et \**scouère*, que de jeter dans l'embaras tant d'honnêtes gens qui ne savent pas les langues étrangères". (36, p. 172) (Teria sido talvez mais sensato decidir-se em favor de uma transcrição do inglês *yacht*, *rail* e *square* por *yote*, *rel* e *scouère* do que perturbar tantas pessoas instruídas que não sabem línguas estrangeiras).

Ainda que em dois dos casos acima citados, *rail* et *square*, a pronúncia francesa se tenha adaptado à grafia inglesa, existe até hoje grande insegurança na pronúncia francesa dos anglicismos, que se reflete nos dicionários franceses. O registro de variantes de pronúncia não é raro. Uma palavra como *yacht*, p. ex., aparece nos dicionários sob três formas fonéticas: *jak*, *jakt* e *jot*. \* O autor de um novo dicionário das dificuldades do francês acha natural que haja três modos de pronunciar a palavra *football*: *futbol*, *futbal*, *fofbal*. \*\*

A adoção graficamente inalterada dos anglicismos em francês dificulta por conseguinte, não a assimilação, mas sim uma assimilação uniforme. Esta observação pode ser invertida; neste caso cumpriria

perguntar: quais as implicações que derivam da existência de anglicismos em francês numa forma assimilada qualquer, se estes anglicismos são incorporados em francês numa forma graficamente inalterada? Tal modo de ver leva à observação do fato de que particularmente no que diz respeito ao sistema dos grafemas vogais do francês — o sistema ortográfico do francês, já em si extremamente complexo, se vai complicando ainda mais pela recepção dos anglicismos. Um bom testemunho disso é o respectivo capítulo de umas noventa páginas no *Traité de prononciation française* (Tratado de pronúncia francesa) de Fouché (26, p. 140-230).

Assim, sirva de exemplo a grafia relativamente simples das vogais extremas /i/ e /u/, que se dificulta consideravelmente por palavras como *building*, *spleen*, *business*, *leader*, ou então *clown*, *interview*, *pudding* etc. (23, p. 134).

A resposta à pergunta de não se haver conseguido uma representação ortográfica única dos anglicismos em francês não é fácil e não pode ser apenas uma. Seria erro atribuir a não-assimilação gráfica dos empréstimos em francês seja à falta de instrução ou excessivo respeito pelo vocabulário de origem estrangeira (Remy de Gourmont), (31, p. 52), seja à via escrita, pela qual a maioria dos anglicismos teriam penetrado no francês.

\* WARNANT (73, p. 415a) e MARTINET-WALTER (49, p. 393) registram /'jɔt/ e /'jot/.

\*\* COLIN (14) s. v. *football*. MARTINET-WALTER (49, p. 393) registram /futbol/, /futbɔl/ e /fudbol/.

É preferível procurar os motivos desta situação nas duas observações que seguem:

1.º na complexidade da ortografia francesa. Pelo fato de os fonemas do francês estarem representados graficamente por várias grafias, mesmo os esforços no sentido de uma representação uniforme dos anglicismos talvez não tivessem conduzido a resultados satisfatórios.

2.º No caráter extremamente conservador, historicizante da ortografia francesa. Este caráter conservador não podia senão favorecer a recepção histórica, quer dizer inalterada dos anglicismos, mesmo no caso de uma assimilação fonética bastante diferente da forma inglesa.

É neste contexto que a meu ver é preciso explicar o retrocesso do afrancesamento ortográfico dos anglicismos e sua reanglicização no decurso dos séculos XIX e XX. Após uma época de numerosas reformas de problemas ortográficos, que — é verdade — nunca chegaram a transformar o sistema ortográfico global, reformas visíveis na terceira e quarta edição de 1740 e 1762 do Dicionário da Academia Francesa, este processo reformatório ficou parado na primeira metade do século XIX por meio de decretos governamentais. A rigidez

da ortografia alcança seu auge na Monarquia de Julho com a oficialização do ensino primário. A partir da sexta edição do Dicionário da Academia Francesa de 1835 a ortografia francesa se fixou e quase não mudou mais.\*

Esta problemática baseada na história da ortografia francesa explicaria também suas reações na ideologia lingüística, ou seja o purismo lingüístico reinante em certos círculos da França. As dificuldades que derivam do problema ortográfico na incorporação do anglicismo favorecem as exigências do purista no sentido de eliminar muitos empréstimos. Esta observação pode ser confirmada mais uma vez pela comparação com o espanhol e o português: enquanto nas duas línguas ibero-românicas a integração ortográfica não for efetuada pelos dicionaristas, os respectivos empréstimos costumam ser considerados muitas vezes como supérfluos e elimináveis. Propõem-se então decalques semânticos do tipo *vestíbulo* por *hall* em espanhol ou *éxito editorial* ou *campeón de venta* com o fim de evitar o anglicismo *best-seller* na mesma língua.\*\* As vezes estes decalques se difundem, eliminando o empréstimo, como no caso de *aeromoça*, às vezes decalque e empréstimo continuam igualmente,

\* Cf. a cronologia da evolução da ortografia francesa em MONNEROT. DUMAINE (55, p. 14 e ss).

\*\* 13, p. 73; 47, p. 131; 71, p. 62b. A falta de integração ortográfica, no entanto, não tem nada a ver com a frequência com que um empréstimo é empregado. Daí a diferenciação estabelecida por GUSMANI (34, p. 23 e s.) entre "acclimatação" (empréstimo completamente enquadrado pelos falantes mas formalmente não integrado) e "integrazione".

como no caso de *motorista* e *chofer* em português.

Depois de focar particularmente o francês, comparando-o com as duas línguas oficiais da Península Ibérica e da América Latina, quero chamar, na parte final, a atenção para o espanhol e o português.

Fundamentalmente a tendência para a integração do empréstimo nas duas línguas é a mesma. Não obstante, um cotejo do português na sua variante brasileira com vários dicionários do espanhol europeu e americano revela certas discrepâncias. De vez em quando ocorrem nestes dicionários adaptações de anglicismos, que parecem ditadas pela estrutura morfológica do espanhol: um exemplo disto é a assimilação dicionarizada pelo Dicionário da Academia Espanhola da palavra *flirt* na forma *flirteo*. (13, p. 25).

Por outro lado, a reunião de respectivos materiais tirados dos diferentes dicionários hispanos revela certas inconseqüências na assimilação ortográfica dos anglicismos: assim p. ex., na décima nona edição do Dicionário da Academia Espanhola encontram-se dicionarizadas as palavras *confortable* e *esnobismo*, mas faltam os lexemas dos quais estas palavras derivam, quer dizer: *confort* e *esnob*.

É preciso ver tanto a forma registrada pelo Dicionário da Academia Espanhola *flirteo* como as formas usadas mas não registradas

*confort* e *esnob* como um fenômeno único. (20) \* O registro ou o não registro das formas citadas constitui o resultado de considerações fonéticas e morfológicas. A estrutura destas palavras, além de ser alheias à estrutura do espanhol em virtude do seu consonantismo final, apresenta complicações ao nível morfológico, isto é, na formação do plural.

Esta problemática do espanhol já repetidamente discutida (47, p. 48) (42) não ocorre no português do Brasil, graças à introdução automática para não dizer mecanicista da vogal paragógica final em *-e*:

Trata-se, neste caso, de uma regra produtiva do português inexistente em espanhol e comparável ao chamado *e* protético das duas línguas ibero-românicas, a qual faz que o português do Brasil não apresente nenhuma dificuldade no que respeita à formação do plural. Neste caso uma regra produtiva ao nível fonético fornece uma integração muito mais radical e conseqüente dos anglicismos do que em espanhol.

Uma lexicografia que tem como objetivo a assimilação ortográfica de empréstimos, se encontra diante de uma tarefa árdua. Por um lado é preciso criar rapidamente as condições para a integração satisfatória de empréstimos e, deste modo, evitar a divulgação de grafias que perturbam o sistema ortográfico. Por outro lado ela não de-

\* Cf. também *confort* em SECO (71, p. 93b).

ve, por meio de adaptações alheias à realidade lingüística, provocar a resistência dos próprios falantes.

A lexicografia brasileira, pelo menos em parte, encontrou uma solução, provisória que seja, reunindo os anglicismos correntes, mas ainda não ortografados, separando-os do próprio dicionário e colocando-os, por assim dizer, numa lista de espera.

Um cotejo entre o francês e o espanhol mostra exatamente os dois lados opostos da incorporação dos empréstimos: ao passo que a lexicografia espanhola nem sempre apresenta uma solução única ao nível ortográfico, a lexicografia francesa, registrando os anglicismos geralmente sem assimilação ortográfica nenhuma, hesita muitas vezes entre várias pronúncias possíveis.

Em comparação ao espanhol, parece que a lexicografia brasileira conseguiu uma uniformidade ortográfica e com isto também uma uniformidade fonética maior. Esta uniformidade se deve provavelmente aos esforços que vêm sendo desenvolvidos há anos no sentido de uma reforma ortográfica. Existe da parte dos lexicógrafos e dos próprios falantes conscientizados para questões lingüísticas um interesse de evitar que o sistema ortográfico, mesmo que seja ainda bastante incongruente, fique novamente sujeito a complicações. Parece que no caso do espanhol o fato de a ortografia atual ter sido fundamentalmente criada no século XVIII (44, p. 276) e depois pouco modificada fez que a preocupação pelo sistema ortográfico houvesse diminuído.

No seu livro sobre palavras estrangeiras (*Fremdwortkunde*) Elise Richter tentou — já no início deste século — superar o enfoque desmesuradamente diacrônico, isto é, a preocupação quase exclusiva com a origem das palavras (64, p. 9). V. Polenz, no seu trabalho já citado, salienta o aspecto sincrônico das pesquisas lexicológicas, conforme o qual o valor de uso estilístico e sociológico deve estar no centro dos interesses lingüísticos (63, p. 152) (69).

Mas uma pesquisa dos anglicismos por um enfoque sincrônico revelaria os anglicismos em francês como um grupo de palavras fonética e ortograficamente heterogêneas e diferentes do restante do vocabulário francês. Por estas características os anglicismos constituem — no que diz respeito a sua recepção pela comunidade lingüística — um problema da sociologia lingüística especial (63, p. 155).

É sob este aspecto que é preciso ver e compreender a crítica ao anglicismo na França, como vem sendo feita em anos recentes.

A integração de empréstimos representa um problema tanto da lingüística como da lexicografia de intenção normativa. O problema do empréstimo e o da ortografia têm em comum que não constituem apenas um objeto de pesquisas lingüísticas, mas também um objeto de avaliação por assim dizer ideológica do que se chamava antigamente estrangeirismo e das aspirações a uma reforma ortográfica, despertando-se desta forma o interesse de muitos falantes.



Pela comparação lingüística acima esboçada pretendia-se tornar mais claro que um dos fatores decisivos na integração de empréstimos é constituído pela assimilação ao sistema ortográfico da respectiva língua. A ortografia criada para uma língua é o resultado de aspirações tanto da parte dos lingüistas como particularmente dos que tentam estabelecer uma norma lingüística. Como tal,

a ortografia é o resultado de um processo histórico. Sem que se levasse em conta este processo histórico, a recepção de empréstimos, no caso dos anglicismos, não ficaria inteiramente compreensível. Mostrar que esta problemática caracterizada pelo inter-relacionamento de lingüística, norma e ideologia está aberta a futuras pesquisas, foi a intenção destas sugestões.

<i>Francês</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Português (Brasil)</i>
bluff	bluff, blof, bleff	blefe
boomerang	bumerán, bu-, boomerang	bumerangue
club	club	clube
cocktail	coctel, cock-tail	coquetel
dandy	dandi, dandy	dândi
film	filme, film	filme
flirt	flirteo, flirt	flerte
football	fútbol, futbol	futebol
knock-out	nocaut, knock-out	nocaute
leader	líder	líder
lunch	lunch, lonche	lanche
meeting	mitin	mítim
poker	póquer, póker	pôquer
pudding	budín, pudín	pudivm
raid	raid	reide
reporter	repórter, reportero	repórter
revolver	revólver	revólver
sandwich	sandwich (reg. sánguiche)	sanduíche
score	escor, score	escore
shoot	chute, chut, shoot	chute
shooter	chutar, chutear	chutar
snob	snob, esnob	esnobe
standard	estándar, standard	estándar
tank	tanque	tanque
tender	ténder	tênder
whisky	whisky	uísque
yacht	yate	iate
yankee	yanqui	ianque

ROTH, W. O empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

---

ROTH, Wolfgang. Borrowing as a problem of comparative linguistics. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

ABSTRACT: The author shows that the problem characterized by interrelations among linguistics, norm, and ideology is still open to research.

UNITERMS: Lexical borrowing; Norm; Ideology; Sociolinguistics; Orthography; Morphology; Phonetics; Semantics.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBRECHT, Jörn. *Le français — langue abstraite?*. Tübingen, 1970.
2. ALFARO, Ricardo J. *Diccionario de anglicismos*. Madrid, Gredos, 1964.
3. ALVAR, Manuel & MARINER, Sebastián. Latinismos. In: *Enciclopedia lingüística hispánica*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1967. v. 2, p. 3-49.
4. BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. 4. éd. Berne, Francke, 1965.
5. BARALT, Rafael Maria. *Diccionario de galicismos*. Buenos Aires, Joaquín Gil, 1945.
6. BENGTTSSON, Sverker. *La défense organisée de la langue française*. Uppsala, 1968.
7. BERGO, Vittorio. *Erros e dúvidas de linguagem*. 5. ed. Juiz de Fora, Lar Católico, 1959.
8. BLANCHE-BENVENISTE, Claire & CHERVEL, André. *L'orthographe*. Paris, François Maspero, 1969.
9. BLOCH, Oscar & WARTBURG, Walter von. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 3. éd. Paris, Presses Universitaires de France, 1960.
10. BOLEÃO, Manuel de Paiva. *Defesa e ilustração da língua*. Coimbra, Casa do Castelo, 1944.
11. BONNAFFÉ, Édouard. *L'anglicisme et l'anglo-americanisme dans la langue française. Dictionnaire étymologique et historique des anglicismes*. Paris, Delagrave, 1920.
12. BRUNOT, Ferdinand. *Histoire de la langue française des origines à nos jours*. Paris, Armand Colin, 1967. v. 2.
13. CASARES, Julio. *Novedades en el diccionario académico*. Madrid, Aguilar, 1963.
14. COLIN, Jean-Paul. *Nouveau dictionnaire des difficultés du français*. Paris, Hachette-Tchou, 1970.
15. CONTRERAS, Lidia F. Los anglicismos en el lenguaje deportivo chileno. *Bol. Filol.* Santiago de Chile, 8: 177-341, 1952.3.
16. COSTA, J. Almeida & MELLO, A. Sampaio e. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Porto, Porto Ed., 1975.
17. CUNHA, Celso Ferreira da. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1968.

18. DAUZAT, Albert; DUBOIS, Jean & MITTERAND, Henri. *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*. Paris, Larousse, 1964.
19. DERROY, Louis. *L'emprunt linguistique*. Paris, Les Belles Lettres, 1956.
20. *DICCIONARIO de la lengua española*. 19. ed. Madrid, Real Academia Española, 1970.
21. *DICTIONNAIRE du français contemporain*, éd. par Jean DUBOIS et autres. Paris, Larousse, 1971.
22. ECHEVERRI MEJIA, Oscar. Anglicismos, galicismos y barbarismos de frecuente uso en Colombia. IN: *Presente y Futuro de la Lengua Española*. Madrid, Cultura Hispánica, 1964, v. 2, p. 91-101.
23. ETIEMBLE. *Parlez-vous français?* Paris, Gallimard, 1964.
24. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s. d.
25. ————. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968.
26. FOUCHÉ, Pierre. *Traité de prononciation française*. 2. éd. Paris, Klincksieck, 1969.
27. FREMDWORT-DISKVSSION. Hrsg. v. Peter BRAN. München, Fink, 1979.
28. GEORGIN, René. *Le code du bon langage*. Paris, Les Éditions Sociales Françaises, 1963.
29. ————. *Jeux de mots*. Paris, André Bonne, 1957.
30. GLINZ, Hans. *Linguistische Grundbegriffe und Methodenüberblick*. Bad Homburg v. d. H., Athenäum, 1970.
31. GOURMONT, Remy de. *Esthétique de la langue française*. Paris, Mercure de France, 1955.
32. GUIRAUD, Pierre. *Les mots étrangers*. Paris, Presses Universitaires de France, 1965.
33. ————. *Les mots savants*. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
34. GUSMANI, Roberto. *Aspetti del prestito linguistico*. Napoli, Scientifico, 1973.
35. HAMPEJS, Zdenek. Para o estudo da linguagem da imprensa brasileira contemporânea. *Rev. Bras. Filol.*, Rio de Janeiro, 6: 51-114, 1961.
36. HATZFELD, Adolphe; DARMSTETER, Arsène & THOMAS, Antoine. *Dictionnaire général de la langue française*. Paris, Delagrave, 1964. 2 v.
37. HÖFLER, Manfred. *Zur Integration der neulateinischen Kompositionsweise im Französischen, dargestellt an den Bildungen auf "— (o) manie" "— (o) manie"*. Tübingen, Max Niemeyer, 1972.
38. ————. Zur Verwendung von "anglicisme" als Indiz puristischer Haltung im 'Petit Robert'. *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur*, Weisbaden, 86:334-8. 1976.
39. HOPE, Thomas E., *Lexical borrowing in the Romance languages*. Oxford, Blackwell, 1971. 2 v.
40. ISAZA CALDERÓN, Baltasar. *El español en América*. Panamá, Ed. Universitaria, 1976.
41. KLAJN, Ivan. *Influssi inglesi nella lingua italiana*. Firenze, Leo S. Olschki. 1972.
42. KROHMER, Ulrich. Unregelmäßigkeiten bei der Pluralbildung des Nomens im Spanischen. *Ibero-romania*. München, 2:104-21, 1970.

ROTH, W. O empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

---

43. LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965.
44. LAPESA. Rafael. *Historia de la lengua española*. 6. ed. Madrid, Escelicer, 1965.
45. LE PETIT ROBERT. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française, par Paul ROBERT. Paris, Société du Nouveau Littre, 1967.
46. LEXIS. Dictionnaire de la langue française. Paris, Larousse, 1975.
47. LORENZO. Emilio. *El español de hoy, lengua en ebullición*. 2. ed. Madrid, Gredos, 1971.
48. MACKENZIE, Fraser. *Les relations de l'Angleterre et de la France, d'après le vocabulaire*. Paris, E. Droz, 1939. 2 v.
49. MARTINET, André & WALTER, Henriette. *Dictionnaire de la prononciation française, dans son usage réel*. Paris, France-Expansion, 1973.
50. ————. *Eléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967.
51. ————. *La prononciation du français contemporain*. 2. éd. Genève, Droz, 1971.
52. MAURER JR. Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1951.
53. MESSNER. Dieter. *Einführung in die Geschichte des französischen Wortschatzes*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.
54. MIGLIORINI, Bruno. *Le lingue classiche, serbatoio lessicale delle lingue europee moderne*. *Lingua Nostra*, Firenze, 17:33-8, 1956.
55. MONNEROT-DUMAINE. *L'ortographe du XXIè siècle*. Paris, Edition du Scorpion, 1964.
56. MÜLLER, Wolfgang. *Fremdwortbegriff und Fremdwörterbuch. Fremdwort-Diskussion*. München. Fink, 1979. p. 59-94.
57. NOUVEAU *petit Larousse illustré*, publié sous la direction de Claude AUGÉ et Paul AUGÉ. Paris, Larousse, 1951.
58. PAUL, Hermann. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968.
59. *PETIT Larousse Illustré*. Paris, Larousse, 1974.
60. PEYTARD. J. Motivation et préfixation: remarques sur les mots construits avec l'élément "télé". *Cahiers Lexicol*. Paris, 4:37-44, 1964.
61. PICHON. E. L'enrichissement lexical dans le français d'aujourd'hui. *Le Français Moderne*, Paris, 3:209-22, 1935.
62. PISANI, Vittore. *L'etimologia*. Brescia, Paideia, 1967.
63. POLENZ, Peter von. Sprachpurismus und Nationalsozialismus. Die "Fremdwort"-Frage gestern und heute. *Germanistik — eine deutsche Wissenschaft*. Frankfurt a M., Suhrkamp, 1967.
64. RICHTER, Elise. *Fremdwortkunde*. Leipzig/Berlin, Teubner, 1919.
65. ROTH, Wolfgang. Die neue Auflage des Wörterbuchs der Spanischen Akademie. *Iberoromania*, München, 3:384-94, 1971.
66. RUBIO, Antonio. *La crítica del galicismo en España (1726-1832)*. México, Universidad Nacional de México, 1937.

ROTH, W. O empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

---

67. SAUVAGEOT, Aurélien. *Portrait du vocabulaire français*. Paris, Larousse, 1964.
68. SAUVY, Alfred. Menaces sur la langue française. *La Revue de Paris*, 70:37-47, nov. 1963.
69. SCHANK, Gerd. Vorschlag zur Erarbeitung einer operationalen Fremdwortdefinition. In: *Fremdwort-Diskussion*. München, Fink, 1979, p. 32-58.
70. SCHÜTZ, Armin. *Die sprachliche Aufnahme und stilistische Wirkung des Anglizismus im Französischen aufgezeigt an der Reklamesprache (1962-1964)*. Meisenheim am Glan, Hain, 1968.
71. SECO, Manuel. *Diccionario de dudas y dificultades de la lengua española*. Madrid, Aguilar, 1967.
72. STEFENELLI, Arnulf. Les transformations lexicales de l'ancien francien au français moderne. In: *Mélanges de langues et de littératures romanes offerts à Carl Theodor Gossen*. Bern, Francke/Liège, Marche Romane, 1976. p. 875-96.
73. WARNANT, Léon. *Dictionnaire de la prononciation française*. 3. éd. Gembloux, Duculot, 1968.
74. WARTBURG, Walter von. Anglizismen. In: ——— *Französisches etymologisches Wörterbuch*. Basel, Zbinden, 1967. v. 18.